



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de inauguração do Centro Regional de Ciências Nucleares do Norte e Nordeste

Recife-PE, 20 de julho de 2005

Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, muito recém-empossado ministro do Trabalho,

Minha querida Márcia Lopes, ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Ariano Suassuna,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, prefeito de Recife,

Meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde, que assume outras responsabilidades aqui no estado,

Senhor Odair Gonçalves, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear,

Senhores Comandantes militares da área,

Deputados Fernando Ferro, Jorge Gomes, só estou vendo os dois aqui,

Meus companheiros vereadores,

Meu caro Josenildo Sinésio, presidente da Câmara de Vereadores de Recife,

Senhores prefeitos das cidades vizinhas de Recife,

Professor Ricardo de Andrade Lima, diretor do Centro Regional de



Ciências Nucleares,

Senhoras e senhores pesquisadores,

Professores, funcionários,

Companheiros e companheiras,

Amigos e amigas,

Eu tenho vontade de fazer um improviso, mas não vou fazer porque eu vou deixar para o final, se eu lembrar. O de improviso é bom porque se fala com a alma, não é Eliana? A alma vai brotando as coisas e você vai falando. Mas nem sempre... como o João Paulo, como eu não consigo digerir com toda a grandeza o assunto, eu prefiro ser comedido aqui.

Bem meus amigos, minhas amigas.

Inauguramos aqui, hoje, o Centro Regional de Ciências Nucleares de Recife. Os senhores e as senhoras sabem que a tecnologia nuclear constitui uma das mais importantes áreas da pesquisa de ponta em todo o mundo. Ela é, portanto, necessária à transição para uma sociedade onde o conhecimento ocupa um papel central na produção e geração de riqueza, em especial quando utilizada para fins pacíficos, como é o caso do Brasil.

A União tem a prerrogativa exclusiva de explorar a mineração de elementos radioativos, de produzir e de comercializar materiais nucleares. Essa prerrogativa é exercida pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que tem como missão garantir o uso seguro e pacífico da energia nuclear, além de desenvolver e disponibilizar tecnologia. Tudo isso com o objetivo maior de promover o desenvolvimento sustentável e de longo prazo em benefício do conjunto da população brasileira.

Pernambuco é uma referência positiva para as regiões Nordeste e Norte. E Recife, além da excelente localização geográfica, se consolidou como centro acadêmico de excelência e pólo médico de grande destaque.

Essas são algumas das razões que trouxeram para cá o primeiro Centro



de Desenvolvimento Tecnológico na área nuclear fora da região Sudeste do país, coroando uma longa luta que se iniciou ainda na década de 60.

E para que serve o Centro de Ciências Nucleares? O Centro Regional que agora inauguramos tem condições de contribuir para a medicina, a indústria, a agricultura, a hidrologia e a saúde ocupacional. Pode, inclusive, ajudar na preservação do meio ambiente, fundamental para a sobrevivência do nosso Planeta. Além disso, pode assumir as inspeções, fiscalizações e tarefas de emergências radiológicas, de competência da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Está, também, equipado para oferecer treinamento e capacitação de pessoal em suas várias áreas de atuação, inclusive, acolhendo um número expressivo de estudantes bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado.

A integração do Centro Regional de Ciências Nucleares com outras instituições de pesquisa e desenvolvimento sinaliza um campo de enormes possibilidades para as regiões Nordeste e Norte do país. Uma prova disso é o grande desenvolvimento no projeto deste Centro de profissionais de Medicina Nuclear de Pernambuco e de estados vizinhos.

Em outra frente, um convênio congrega o Centro, a Embrapa, a Valesporte de Petrolina, e o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, visando a implantação de um irradiador comercial para tratamento de frutas do Vale do rio São Francisco, destinadas à exportação.

O Centro Regional é, também, parte de uma rede temática do Ministério da Ciência e Tecnologia para estudos de melhoria do índice de desenvolvimento humano, o IDH, dos municípios nordestinos situados no semi-árido.

Minhas amigas e meus amigos,

Quem deveria ter falado tudo isso era o Eduardo Campos. A inauguração do Centro Regional de Ciências Nucleares ocorre ao mesmo



tempo em que se celebra no mundo inteiro o Ano Mundial da Física. Faz 100 anos que Albert Einstein publicava um conjunto de cinco trabalhos extraordinários, entre eles a Teoria Geral da Relatividade. Para nós, brasileiros, existe outro importante registro a ser feito. Este ano, o Brasil perdeu um dos mais notáveis seguidores de Einstein, o cientista e professor César Lattes.

Em 1947, com apenas 23 anos de idade, Lattes abriu caminho para se entender a estabilidade dos elementos da matéria, uma descoberta de grande impacto científico que lhe garantiu lugar de destaque na história da Física.

César Lattes, um grande brasileiro, verdadeiro herói da Física nacional, morreu aos 80 anos acreditando em uma nação justa, desenvolvida e independente.

No mundo contemporâneo, mais do que em outras épocas, o desenvolvimento e a inclusão social passam pelo conhecimento e pela inovação tecnológica. O Centro Regional de Ciências Nucleares, no Recife, representa importante avanço de nosso país nessa direção. Estejamos todos à altura do sonho de Einstein e de César Lattes.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, dizer a vocês que faz dez dias que o meu querido Humberto Costa deixou o Ministério da Saúde. Está se preparando para outras batalhas. Amanhã, meu companheiro Eduardo Campos deixa o Ministério da Ciência e Tecnologia e assume o Sérgio Rezende. O Eduardo também está se preparando para uma outra batalha. Nesta mesma semana, o companheiro Carlos Wilson deixa a Infraero e vai para uma outra batalha. E a minha relação com estes meninos, se é que posso chamá-los de meninos, é uma relação menos política, é uma relação quase de pai para filho, porque eu sou mais velho que eles, porque a política me fez assumir posições em que todas as vezes em que nos encontramos, era eu pedindo a eles que me apoiassem para alguma coisa.

A minha relação de respeito com o Humberto, como companheiro do PT,



eu não preciso dizer para ninguém. A minha relação de respeito ao companheiro Carlos Wilson, que também é do PT, eu não queria que ele viesse do PT, mas veio, também é de muito respeito. A minha relação com o nosso companheiro Eduardo Campos é uma relação que vem de avô para neto, ou seja, é uma relação histórica com o dr. Arraes, é uma relação histórica com a família e uma relação histórica com o nosso companheiro Eduardo Campos que, certamente, prestou e prestará ainda, ao Brasil, um inestimável trabalho nesse Ministério da Ciência e Tecnologia.

O Eduardo Campos sabe que o Sérgio Rezende, embora seja do PSB, trabalhou comigo no programa de 1989, trabalhou comigo no programa de 1994, trabalhou comigo no programa de 1998, trabalhou comigo no programa de 2002, ou seja, embora ele seja do PSB, digo: ele é meio a meio. Ou seja, ele é filiado ao PSB mas, cientificamente, ele está ligado aos meus programas de governo. Ele assume, certamente, que dará continuidade às coisas que nós estamos fazendo. O Eduardo Campos, efetivamente, elevou o nível político do Ministério da Ciência e Tecnologia porque, de vez em quando, aquilo funcionava como uma corporação de fundo das instituições que foram se criando ao longo de muitos anos. E o Eduardo Campos deu uma cara àquilo, deu um formato, criou um corpo único de um Ministério da Ciência e Tecnologia que é imprescindível para que o país deixe de ser um eterno país emergente e se coloque no mundo dos países desenvolvidos.

Por isso, eu quero, Eduardo... eu não vou te agradecer porque tem serviços a prestar ainda que, se eu for agradecer cada coisa boa meu caro, a você, ao Humberto, ao Carlos Wilson, eu vou passar a vida agradecendo a vocês, então deixa como está aí. Vamos para novas funções.

Mas o que eu queria dizer, no meu improviso, porque daqui vamos direto para o avião, é uma coisa pequena. Eu penso que vocês acompanham, dentro do possível, aquilo que tem sido feito pelo governo. Eu sempre achei que era possível fazer as coisas no Brasil, sem achei. E sempre achei que, na maioria



das vezes, as decisões políticas do Presidente são determinantes para que as coisas aconteçam e nós resolvemos tentar fazer um Brasil um pouco diferente do que ele vinha sendo feito.

No Brasil, vocês sabem que não foram poucos os governantes que ousaram governar este país para 35 milhões ou no máximo 40 milhões de brasileiros, que são as pessoas que estão no mercado de consumo. Tentar construir um país de 180 milhões de habitantes, um país em que a gente consiga colocar a totalidade das pessoas no cenário da cidadania, no mundo da respeitabilidade, na possibilidade das pessoas terem acesso às coisas que a Constituição diz que elas têm que ter, é uma tarefa infinitamente mais difícil mas, ao mesmo tempo, mais prazerosa.

É por isso que eu quero dizer aqui para vocês: cada vez que o Tarso se apresenta na minha sala dizendo que quer apresentar mais um grupinho de universidade que precisa ser criado, eu já disse para ele que quantas aparecerem aqui, tantas vai fazer. Não tem limite, o limite é o tempo que a gente tem de mandato. Por isso nós decidimos, nesses 30 meses de governo, fazer três universidades federais novas, uma na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, que precisa; uma no ABC Paulista, que é uma das regiões mais ricas do país e não tem uma universidade federal; vamos ter uma universidade de Tecnologia Avançada no ABC Paulista; e uma no Recôncavo Baiano, que é uma região que também necessita de uma universidade federal.

Além disso, eu pedi ao companheiro Tarso que estudasse a possibilidade de a gente não precisar ficar mandando para o Congresso um projeto de lei para aprovar, para criar universidade, que a gente tentasse levar todas as extensões de universidades federais possíveis por todo o país. Ou seja, na verdade, nós decidimos fazer a extensão rural para Garanhuns, porque é importante que a gente consiga espalhar essas universidades pelas partes mais pobres do país, porque só a presença da universidade já significa levar desenvolvimento para aquela região, levar conhecimento para aquela



região, levar o hotelzinho para aquela região, levar o estudante para aquela região, levar o cientista que o povo pobre só vê em televisão, até que cientista vai pouco na televisão brasileira mas, de qualquer forma, o povo não tem acesso.

De repente, é levar essa gente para o Sertão, para eles começarem a conviver com uma realidade que é muito diferente da teoria, sentir o pó, o cheiro da terra no nariz, sentir como é a cara desse povo. Decidimos levar para o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Ariano, levar uma extensão da Universidade federal de Minas Gerais lá para o Vale do Jequitinhonha, lá para o Vale do Mucuri, onde ele jamais imaginava ter uma universidade federal, vai ter. Vamos, decidimos fazer 31 extensões espalhadas pelo Brasil; decidimos fazer 31 novas escolas técnicas espalhadas pelo Brasil, decidimos criar uma coisa que era um sonho antigo, de criar o Fundeb, para dar à educação brasileira uma cara de verdade, de que nós acreditamos que a educação é a base principal para o desenvolvimento do país. O Fundeb pode incluir no ensino fundamental mais 17 milhões de brasileiros e brasileiras que precisam estudar.

Aprovamos, para os próximos quatro anos, 4 bilhões e 300 milhões a mais, e sabe o companheiro Tarso que eu não aceito que se discuta que esse dinheiro é para gastar. Não é para gastar, é investimento. Quando eu invisto em uma máquina, ela tem um tempo de duração, de rentabilidade. Agora, quando eu invisto no ser humano é o mais barato investimento que a gente pode fazer em um país para que ele possa sair do que está acontecendo.

E vamos continuar fazendo. Eu nem falei aqui da universidade, da extensão de Serra Talhada. Vai ter uma extensão em Serra Talhada, que é para ninguém ficar brigar brabo comigo. Vai ter para todos os gostos aí.

E nós estamos fazendo isso porque nós precisamos recuperar o atraso do Brasil. Eu não sou melhor do que ninguém, mas eu acho que muita gente que já passou pelo Ministério, como já estava formado, então, bom, fica no que



está mesmo e deixa como está. Quando o Tarso me levou a idéia do ProUni, o ProUni é uma revolução neste país porque, por ano, a gente renovava, Ariano, 124 mil novos estudantes nas escolas federais. O ProUni, no primeiro ano, colocou, a mais, 112 mil novos alunos da periferia e de escolas públicas, negros e índios, para terem acesso às universidades chiques, particulares de São Paulo, a que não tinham acesso, até então. E vamos chegar, em quatro anos, a 400 mil jovens, a mais, na universidade, mais 320 nas universidades federais. Portanto, nós estaremos incluindo, se Deus quiser, nos próximos quatro anos, mais 760 mil jovens nas universidades brasileiras, possivelmente mais do que tudo o que foi feito nos últimos 20 anos.

E fazemos isso porque acreditamos, na certeza absoluta de que ou nós fazemos isso ou este país daqui a 30, 40 ou 50 anos vai estar sendo visto ainda como um país emergente, um país em desenvolvimento, um país... O Brasil não pode jogar fora as oportunidades que se apresentam. Nós já jogamos muitas oportunidades fora. E estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil entrou em um momento excepcional de sua história. Eu faço uma separação das perspectivas do Brasil, umas confusões políticas que estão aí, e quero dizer para vocês que estou muito otimista, estou feliz e vou dizer algumas coisas para vocês. Ontem, o Marinho me comunicava: “presidente Lula, chegamos, em 30 meses, a 3 milhões, 135 mil novos empregos de carteira profissional assinada no país. Vocês podem falar: “é pouco”, à vista de muitos milhões. Mas de 1994 a 2002, sabe quantos empregos foram criados no Brasil, de carteira assinada? Apenas 737 mil. A média mensal de empregos criados em 8 anos, de carteira assinada, era de apenas 8 mil empregos. A nossa média é de 101 mil novos empregos criados a cada mês. Só do lado da categoria metalúrgica, e não falo isso porque sou metalúrgico, nós criamos, nesses 30 meses, mais de 230 mil novos empregos. E vocês estão vendo o resultado. Vocês estão vendo que nós chegamos, este ano, este mês agora, chegamos a 109 bilhões de dólares de exportação, que é



o recorde dos recordes, jamais imaginado por uma pessoa tradicional da política brasileira.

E chegamos nisso porque acreditamos na capacidade da atuação política do Brasil. Historicamente, o Ariano mais do que ninguém sabe, este país esteve subordinado intelectualmente e politicamente às grandes potências. Não podia fazer aquilo porque ninguém deixava, não podia fazer aquilo porque os Estados Unidos não gostavam, não podia fazer aquilo que a União Européia não permitia. E nós resolvemos apenas, sem desacatar ninguém, sem ofender ninguém, dizer: nós somos donos do nosso nariz, temos maioria e vamos fazer aquilo que for pertinente aos interesses brasileiros.

Por isso, Ariano, resolvi recuperar a nossa relação com a África, porque a impressão que se tinha é que nos últimos 20 anos as autoridades brasileiras tinham vergonha de olhar para o continente africano. E eu não tinha vergonha porque quando olhava eu sabia que era de lá que tinha vindo parte do sangue derramado para construir este país, parte das pessoas, parte da nossa cultura, do nosso biofísico, ou seja, veio daquele continente.

Visitei, em dois anos, praticamente 14 países da África. E fui à ilha Gorée pedir perdão, em nome do povo brasileiro, pelo que foi feito durante 300 anos naquele continente, tirando jovens, mulheres e os adultos mais sadios, o que explica o atraso em que vive a África hoje.

Da mesma forma que nós resolvemos recuperar a nossa relação com a América do Sul. Sabem os estudiosos aqui que, historicamente, o Brasil virou as costas para a América do Sul e ficou sonhando com os Estados Unidos, com a União Européia. Eu acho que a União Européia, os Estados Unidos são os mais importantes parceiros comerciais nossos, parceiros estratégicos, mas nós temos que deixar o discurso da integração teórica e fazer o discurso da integração prática. Visitei todos os países da América do Sul.

O Brasil, hoje, está financiando obras através do BNDES, de infraestrutura em quase todos os países da América do Sul. Por quê? Porque o



Brasil não pode ficar olhando para o infinito e deixar de olhar os seus irmãos que estão aqui, no Continente, que fazem fronteira conosco e que podem ser parte do desenvolvimento conjunto de toda a América do Sul.

Agora, fizemos uma coisa extraordinária, que foi o encontro do mundo árabe com o mundo sul-americano. Ninguém imaginava que a gente pudesse fazer uma cúpula com 32 chefes de Estado participando de uma discussão: como integrar esses continentes que, normalmente, são manipulados pelas chamadas grandes potências econômicas. E disse mais ao ministro Celso Amorim e ao ministro Furlan: nós vamos mudar a geografia mundial. E para a gente mudar a geografia mundial, a gente não tem que pedir licença, nós temos que construir parceria com os iguais, temos que transformar, sim, a China em parceiro estratégico, a Índia em parceiro estratégico, a África do Sul em parceiro estratégico. Isso, sem romper com ninguém. Não precisamos romper com ninguém. O que nós precisamos é definir quem são os aliados preferenciais em determinados assuntos que interessam ao Brasil.

Estamos consolidando uma política internacional como há muito tempo não se via neste país, ou seja, na verdade, é o Brasil conquistando o direito de andar, não de nariz empinado, com a arrogância de uma parte da elite brasileira, mas andando de cabeça erguida, demonstrando apenas o orgulho de sermos brasileiros e de acreditarmos em nós, enquanto povo e enquanto nação.

Fizemos mais. Nunca a agricultura familiar, neste país, recebeu o que recebeu. Saímos de 2 bilhões de empréstimos contratados na safra 2002/2003, para 6 bilhões e meio neste ano, e vamos para 9 bilhões no ano que vem, garantindo ao pequeno produtor do sertão brasileiro o direito de entrar pela porta do Banco do Brasil, ter acesso ao gerente, tanto quanto um usineiro entrava, antes, e pegava parte do dinheiro que tinha para emprestar.

Fizemos o empréstimo consignado, Ariano, que garantiu que no ano passado a gente conseguisse emprestar ao povo pobre deste país – que não



tinha acesso a banco ou, quando tinha, tinha agiotagem – de tomar emprestado 17 bilhões de reais no ano passado, o que motiva a construção da nossa economia.

Decidimos fazer o Bolsa Família, que só aqui no estado de Pernambuco tem 540 e poucas mil famílias – em Recife só 44, precisamos fazer um pouco em Recife – pessoas que estão recebendo uma ajuda mínima para poder garantir o pão de cada dia, que é o que dá força às pessoas para brigarem.

Aprovamos o Estatuto do Idoso, que estava encalacrado há 13 anos no Congresso Nacional, além da questão da Biossegurança, de que o Eduardo disse bem. Era um tema polêmico, era um tema que envolvia foro íntimo, este país não tem direito de apostar no atraso, seja por conta de crença religiosa, este país tem que agir enquanto Nação.

Portanto, eu estou feliz porque os dados que nós podemos mostrar neste país são dados extraordinariamente significativos. Sabem, o Humberto gosta da minha loucura pela saúde bucal porque, no Brasil, uma unha encravada é tratada como uma questão de saúde pública, uma menina de 17 anos sem dente na boca não é tratada como uma questão de saúde pública, ou seja, por onde entra a comida não se trata como saúde pública.

Fizemos o maior Programa de Saúde Bucal deste país e, se Deus quiser, terminaremos o mandato com 400 centros de saúde bucal, cada centro para atender uma população de 500 mil pessoas, para dar ao povo brasileiro o direito de sorrir, sem vergonha de mostrar os vácuos que foram criados na sua arcada dentária.

Da mesma forma que aqui em Recife já tem o Samu, ou seja, o Estado brasileiro deixando de ser apenas o transferidor de dinheiro para ser, na verdade, o Estado que possa garantir a execução de políticas que atendam a totalidade das pessoas.

Certamente, isso incomoda algumas pessoas. Quando alguém vê o governo federal gastando 7 bilhões com pobre, ele já fica: por que esse



dinheiro não está no banco para eu tomar emprestado? Daquele empréstimo a juros... como é que fala? Aqueles empréstimos a tempo perdido, aquilo que não se paga nunca mais. E nós estamos levando o dinheiro para atender a parte pobre e vamos fazer mais, porque eu passei a minha vida inteira querendo provar que a questão de governar ou não independia da quantidade de anos de escolaridade ou da formação acadêmica da pessoa, de que dependia muito mais do caráter e da inteligência das pessoas que não estão formadas na escola.

Obviamente que eu digo isso com a humildade de quem sabe das dificuldades, de quem sabe os momentos que estamos passando, mas de quem sabe, também, que Deus não faz nada que não seja preciso fazer. Que nós estamos dispostos a enfrentar o que for necessário para provar que este país não vai jogar fora essa oportunidade que ele tem. Doa a quem doer, machuque a quem machucar, sensibilize a quem quiser sensibilizar, este país não fugirá ao seu destino.

Nós haveremos de nos transformar definitivamente, não numa grande Nação porque essa, a geografia já fez, Deus já fez, o tamanho do território, o tamanho da mata, o tamanho dos rios, isso não valerá a pena se o tamanho do conhecimento do nosso povo for pequeno, e nós queremos um povo de barriga cheia e de cabeça mais cheia ainda de conhecimento e sabedoria.

Muito obrigado a todos vocês, meus parabéns companheiro Eduardo, e vamos à luta.